

FHC diz que violência é problema n.º 1 do País

Em entrevista ao "Le Figaro", presidente também lamenta a "corrupção mafiosa"

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS – Em entrevista publicada ontem no diário parisiense *Le Figaro*, o presidente Fernando Henrique afirmou que "a violência é o problema número 1 do país, pois no Brasil mata-se muito". Para combatê-la, segundo o presidente, é preciso utilizar todos os meios, "a prevenção, a repressão, a polícia e a Justiça". O presidente denunciou também a corrupção "do tipo mafiosa", lamentando que ela já "penetrou nos meios políticos".

Na entrevista, publicada em função das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, o presidente fez questão de responder a Paul Claudel, embaixador da França no País durante os anos 30 e autor da célebre frase: "O Brasil, país do futuro e que permanecerá." Para o presidente, essa fórmula pode ser compreendida de forma positiva ou negativa. O escritor, no entender do presidente, pode ter pretendido fazer um elogio, e nesse caso sua predição seria verdadeira, pois o Brasil avança e progride sempre. No entanto, observou o presidente, se Claudel pretendia afirmar que o Brasil não progrediria, equivocou-se, pois no século 20 os países que mais cresceram foram a China e o Brasil.

O presidente tratou também do problema da grande diferença de renda existente no Brasil: "Tenho dito sempre que o Brasil não é um país pobre, mas injusto", disse. "As diferenças entre ricos e pobres não se reduziram, pois somos um país em desenvolvimento em que o capitalismo progride mais rapidamente do que nossa capacidade de redistribuição."

Melhorias – Depois de explicar que hoje só 12% da população recebe o salário mínimo – enquanto o salário médio em São Paulo é de R\$ 900 e o do resto do País, de R\$ 650 –, Fernando Henrique lembrou que as condições de vida da população melhoraram nos últimos anos e voltou a criticar os intelectuais: "Nossos intelectuais têm tendência a tudo denegrir e só têm paixão pelo pessimismo."

Quanto à cultura do compromisso, herdada de Portugal, o presidente considera que graças a ela nós chegamos às soluções, ao contrário dos que acreditam que isso só nos leva ao imobilismo. "Quando tudo parece bloqueado, acabamos encontrando uma saída", afirmou. "Uma boa ruptura às vezes vale mais do que um mau compromisso."

Indagado se num processo de avanço econômico o compromisso não pode constituir mais obstáculo do que vantagem, o presidente lembrou que a cultura de reconciliação pode ser uma faca de dois gumes, e fez novas críticas aos intelectuais de esquerda, que têm tendência a monopolizar o debate: "Eles são contra uma evolução lenta", reclamou. "Todo seu raciocínio é baseado na luta de classes e eles pretendem uma estratégia de ruptura."

Corrupção – O presidente da República abordou ainda o problema da corrupção e os prejuízos que ela causa ao desenvolvimento do País. Para ele, cada época correspondeu a um tipo diferente de corrupção, mas que "atualmente descobrimos a corrupção mafiosa". Segundo o presidente, "o crime organizado, por meio dos narcotraficantes, penetrou nos meios políticos".

Para Fernando Henrique, outra forma de corrupção são os laços incestuosos que

constituem uma velha tradição nas relações entre as empresas e a administração. Ele cita o exemplo de Fernando Collor, primeiro presidente afastado por um processo de impeachment. Segundo o presidente, Collor é cada vez menos aceito porque a sociedade brasileira rejeita a fatalidade da corrupção. Isso constitui, na opinião do presidente brasileiro, um grande passo adiante.

Finalmente, tratando da questão racial, Fernando Henrique disse que no Brasil é muito difícil contar os negros e os brancos. "Eu mesmo, sou branco ou ne-

gro?", indagou. Os negros representam de 10% a 15% da população, afirmou o presidente, mas em consequência da mestiçagem é provável que os "afrodescendentes" constituam entre 35% a 40%. Fernando Henrique disse ao *Le Figaro* que só recentemente os negros tomaram consciência de sua força e decidiram lutar contra os preconceitos.

Pena de morte – Uma frase de Fernando Henrique publica-

da na entrevista ao diário francês dá margem a uma dúbia interpretação. O entrevistador pergunta: "E a pena de morte?", ao que o presidente limita-se a responder: "E a pena de morte..." A resposta, da forma apresentada, permitiu que alguns vissem nela um indício de que o presidente defende a pena capital. O erro foi desfeito ontem, pelo próprio presidente – que se encontrava em Comandatuba, na Bahia –, que se

**CONTRA A
ADOÇÃO DA
PENA DE
MORTE**

apressou em esclarecer: "Certamente, sou contra a pena de morte."

A correspondente do *Le Figaro* no Brasil, Cecília Gabizon, que fez a entrevista juntamente com o editor Charles Lambroschini, explicou que ao falar sobre pena de morte o presidente Fernando Henrique Cardoso referia-se às medidas adotadas pelos Estados Unidos, e não pelo Brasil. "Pelo contexto, estava claro que ele falava dos Estados Unidos, mas transcrevendo palavra por palavra, realmente dava margem a mal-entendidos", explicou a jornalista. A frase foi dita no momento em que Fernando Henrique referia-se à

violência como problema número 1 do Brasil e lembrava que os Estados Unidos também tinham superado ondas de violência nos anos 70 e 80.

"Ele (Fernando Henrique) disse que é preciso usar todos os meios (para combater a violência), referindo-se aos Estados Unidos, e então o editor sublinhou que lá havia sido utilizada a pena de morte, e o presidente concordou", recorda Cecília. "Mas, em nenhum momento o presidente opinou sobre a pena de morte, nem disse que concordava com o que os Estados Unidos haviam feito."

■ Colaboraram Lu Aiko e Hugo Marques